



**Lourival Sant'Anna** carta@lourivalsantanna.com

## O romance de Lula com a ditadura

O regime venezuelano prepara mais uma farsa eleitoral. E o governo Lula participa alegremente dela. Até aí, nenhuma novidade. Dessa vez, porém, a manobra vem acompanhada da ameaça de invasão de outro vizinho do Brasil, a Guiana. Um aliado comum de Nicolás Maduro e de Lula, o ditador russo Vladimir Putin, tem interesse nessa guerra. Lula trocou o apoio incondicional à ditadura venezuelana pelo adiamento do conflito. É um arranjo precário.

Os partidos de oposição venezuelanos se uniram no ano passado para eleger candidato único contra Maduro. A chamada Plataforma Unitária Democrática pediu ao Conselho Nacional Eleitoral supervisionar a votação. Para negar legitimidade ao processo, os conselheiros obedientes ao regime, que eram a maioria, renunciaram. Um novo CNE, exclusivamente chavista, foi nomeado, e se recusou a cumprir a função constitucional de fiscalizar a votação.

Apesar das ameaças de represália do regime, 2,4 milhões participaram, e 92% votaram na ex-deputada María Corina Machado. Em 2015, ela foi tornada inelegível pela Justiça, controlada pelo regime, por supostas irregularidades em sua prestação de contas como deputada. Isso, num país em que centenas de milhões de dólares são desviados pelo governo.

O Tribunal Supremo de Justiça, 100% chavista, confirmou em janeiro a inelegibilidade de María Corina até 2036. Ela é a terceira líder de oposição competitiva excluída de disputas eleitorais com Maduro, no rastro de Henrique Capriles e Leopoldo López, presos por crimes sem provas. Segundo organismos independentes, 1,4 mil venezuelanos perderam direitos políticos desde 2002. Há atualmente 288 presos políticos.

**PRESSÃO.** A manobra viola o Acordo de Barbados, firmado cinco dias antes das primárias da oposição. O governo venezuelano se comprometeu a realizar eleições livres e justas, sem a exclusão de opositores. O acordo levou os EUA a suspender as sanções contra a Venezuela, que pode ter vendido US\$ 1 bilhão em petróleo, antes de a Casa Branca concluir que foi enganada.

O acordo incluiu também a libertação do colombiano Alex Saab, preso na Flórida sob acusação de desvio de US\$ 350 milhões dos cofres venezuelanos. Segundo o FBI, parte desse dinheiro é destinada a Maduro, do qual Saab é testa de ferro. A trama envolve lavagem de dinheiro do narcotráfico.

A exclusão da oposição leva há uma década a população a boicotar as eleições. Para fazer frente a esses boicotes, que retiram a aparência de legitimidade dos pleitos, o regime toma uma série de providências. Ao chegar às seções eleitorais, os venezuelanos passam seu "cartão da pátria" em máquinas instaladas ao lado dos equipamentos de identificação. O registro garante a entrega da cesta básica pelo governo, da qual muitos venezuelanos dependem para sobreviver: 90% estão abaixo da linha de pobreza e 68%, na extrema pobreza.

Funcionários públicos são obrigados a votar. Militantes chavistas remunerados exercem pressão para os moradores comparecerem. Nada disso é suficiente. Eu cobri as eleições para a Assembleia Constituinte de 2017, boicotadas pela oposição. As seções eleitorais permaneceram semidesertas o dia todo, enquanto dezenas de milhares se manifestavam contra o regime, sob forte repressão. Mesmo assim, o CNE anunciou um comparecimento de 41%.

A propósito, enquanto Lula



Ditador da Venezuela, Nicolás Maduro, conta com apoio de Lula

**Exclusão da oposição leva há uma década a população a boicotar eleições do regime**

se reunia com Maduro, o Tribunal Penal Internacional, em Haia, levava adiante a investigação da morte de 125 manifestantes durante as eleições da Assembleia Constituinte. Eu presenciei algumas das mortes a tiros, disparados contra a multidão.

**TIRO NO PÉ.** Lula tem longa história de interferência nos assuntos venezuelanos, ao lado do autoritarismo e da corrupção do regime chavista. Em novembro de 2006, ele aproveitou a inauguração de uma ponte sobre o Rio Orinoco construída pela Odebrecht com dinheiro do BNDES para pedir votos para Hugo Chávez.

Em abril de 2013, logo depois da morte de Chávez, Lula gravou um vídeo para pedir voto para Maduro: "Sempre foi viável sua profunda afinidade com nosso querido e saudoso amigo Hugo Chávez".

Por isso, a oposição e a maioria da população da Venezuela

não confiam em Lula e ele não tem credenciais para intermediar uma distensão no país. Isso fica provado mais uma vez agora. Depois que Maduro marcou a eleição para 28 de julho, aniversário de Chávez, o presidente brasileiro afirmou que "não se pode colocar dúvidas antes de as eleições acontecerem", em nome da "presunção de inocência".

Assessores do presidente têm dito que não gostam de María Corina, porque ela fala em punir os crimes do regime, e aprovam os nomes do governador de Zulia, Manuel Rosales, e de Gerardo Blyde, coordenador da Plataforma Unitária Democrática. Lula disse em fevereiro que não tem informações sobre o que acontece na Venezuela, quando indagado sobre a expulsão de funcionários da ONU no país.

Só isso explicaria as manobras de seus assessores. Além do óbvio absurdo de um governo querer triar candidatos à presidência de outro país, Rosales é popular em Zulia, mas não tem projeção nacional, enquanto Blyde é leal ao processo das primárias e não se candidataria no lugar de María Corina, analisa Omar Lugo, editor do site independente El Es-

tímulo, de Caracas.

**CORAGEM.** Na antevéspera do Dia Internacional da Mulher, Lula sugeriu que a líder da oposição não deveria ficar "chorando" e sim escolher um substituto, como ele fez quando estava preso por corrupção, em 2018. O presidente parece não saber também o que está acontecendo no Brasil, um Estado democrático de direito que não pode ser comparado à ditadura venezuelana. Sem contar o conteúdo grosseiro, misógino e injusto do ataque: se tem uma coisa que não falta a María Corina é coragem, ao percorrer o país em campanha, enfrentando um regime sanguinário.

Depois de duas décadas de abusos contra os direitos humanos e de arbitrariedades para manter os chavistas no poder, a única inocência dos envolvidos é a do próprio Lula. Se é que ele acredita no que diz. O mais provável é que Lula tenha penhorado o apoio a Maduro em troca de o ditador recuar da decisão de invadir a Guiana.

Aventura não faria sentido econômico: a Venezuela tem as maiores reservas de petróleo do mundo. O que lhe falta é competência para explorá-lo. Em razão do sucateamento da estatal PDVSA, a exploração despencou de 3 milhões de barris diários, em 2002, para 800 mil.

O sentido da ameaça é político: o velho expediente de criar um inimigo comum para justificar a perpetuação no poder. E geopolítico: servir ao interesse russo de criar uma distração para os EUA na América Latina. A guerra de Gaza, provocada por outro aliado da Rússia, o Irã, patrocinador do Hamas, divide as energias dos EUA e enfraquece seu apoio à Ucrânia. Numa escala menor, o apoio americano à Guiana teria o mesmo efeito. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

### Violência de gangues

## Tiroteio é reportado nos arredores do Palácio Nacional do Haiti

PORTO PRÍNCIPE

Os arredores do Palácio Nacional do Haiti, em Porto Príncipe, foram palco de um tiroteio na noite do dia 8 em meio à pressão crescente pela renúncia do primeiro-ministro Ariel Henry. Segundo testemunhas, criminosos entraram em combate com policiais no maior parque da capital, o Champs

de Mars, e coquetéis molotov foram arremessados na sede do Ministério do Interior.

Ontem, a Guarda do Palácio Nacional tentou estabelecer um perímetro de segurança na região com uso de um caminhão blindado, mas novos tiros no centro de Porto Príncipe e no aeroporto foram relatados.

A violência começou há uma semana, com a pressão de gan-

gues criminosos do país que pretendem derrubar o governo de Ariel Henry.

O primeiro-ministro declarou estado de emergência e tocou de recolher no dia 4, após os criminosos tomarem o controle da maior parte de Porto Príncipe. Segundo a ONU, cerca de 80% da capital está sob o controle de gangues. Testemunhas relatam a presença de cadáveres apodrecendo nas

ruas.

Os criminosos também bloquearam as estradas e o principal porto da capital, criando a ameaça de uma crise de abastecimento que pode matar os haitianos de fome. Ataques foram coordenados contra delegacias e prisões, de onde escaparam mais de quatro mil detentos nos últimos dias.

Pressionado a renunciar, Ariel Henry viajou para Porto Rico no dia 5 em uma missão de segurança da ONU e se encontra impossibilitado de retornar para o país. Ele assumiu o poder em 2021 e deveria ter deixado o cargo em fevereiro.

O primeiro-ministro, a mais alta autoridade do país desde o

assassinato do presidente Jovenel Moïse em 2021, está agora sob pressão interna e externa para favorecer um governo de transição.

A crise gera preocupação entre as nações vizinhas. Na sexta, os líderes das nações caribenhas emitiram um apelo para uma reunião de emergência da Comunidade do Caribe (Caricom) amanhã, na Jamaica. O Brasil foi convidado para a reunião, junto com os Estados Unidos, a França, o Canadá e a ONU.

Os líderes tentam há meses convencer autoridades políticas do Haiti a concordar em formar uma comissão para um governo de transição. ● EFE, AP, W.P.